



RESENHA DE “MICHEL FOUCAULT: O TRAJETO DA VOZ NA ORDEM DO DISCURSO” [SOUZA, PEDRO. CAMPINAS, EDITORA RG, 2009]

Alexandra Tagata Zatti¹
Nádia Régia Maffi Neckel²

O livro (117 páginas) **Michel Foucault: o trajeto da voz na ordem do discurso**, de autoria de Pedro de Souza³, estimula um debruçar sobre um dos maiores pensadores modernos de modo inovador. Dedicar-se, especialmente, a pensar a enunciação como “*o teatro da vocalização pela análise da cenografia sonora*”, e reforça que “o modo de falar só se sustenta enquanto o sujeito falante existe e subsiste no corpo inteiramente feito de voz”. O autor coloca em discussão o objeto do trabalho que compõe o quadro teórico e metodológico envolvendo enunciação e discurso como fatos de linguagem.

O autor traz a hibridez na forma de descrever o inédito da voz de Michel Foucault, entre ditos e escritos com a delicadeza de não deixar que temas relevantes e surpreendentes escapassem, impusessem, ou, apagassem a voz que lhe dá suporte. A ideia principal foi atingir a situação enunciativa de proferimento oral e nela a “musicalidade” do ato de dizer, algo como suplemento estético delineando a forma do sujeito enquanto pensa sem reduzir à forma sonora – tema da voz que aparece. Importante marcar que, em sua obra, Souza expõe que Foucault dispõe da capacidade de usar sua própria voz para fazer ouvir outros tons, outras sonoridades, apontando para regimes enunciativos em dissonância e a imissão de outras vozes clivativas à sua própria, perturbando o fluxo linear da enunciação em ato. Souza comenta que, em se tratando de certa natureza do silêncio, o que interdita não é a emissão de palavras, mas sim, o que cala uma voz que parece pautar-se pelo dimensionamento político e ético. O autor lança sobre o filósofo seu próprio postulado. “O sujeito fala em um discurso que não é seu e capta aí, nesta ausência de centralidade subjetiva, algo a ser escutado na forma do desempenho vocal do ato de enunciar.”

Ainda nas palavras de Souza: “O ato de enunciação denunciado pelo aparato linguajero exposto a voz com a dêixis virtual que tergiversa a pergunta: quem fala? Não interessa a voz como pertença individual, mas aquilo em que ela se torna ao ressoar”. Essa relação de sentido não advém precisamente de um sistema gramatical que

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Bolsista FapesC/Capes. Email: aletagata@gmail.com

² Professora orientadora da referida doutoranda. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL/SC e da Universidade do Contestado – UnC/SC. E-mail: nadia.neckel@unisul.br

³ Pós-doutorado na École Normale Supérieure, Lyon. Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, com pesquisa sobre performance vocal nos ditos e escritos de Michel Foucault.



impõe uma sintaxe, mas do que a própria sintaxe pode, quando relegada ao ritmo que lhe é inerente. No caso da performance vocal de Foucault, a voz que participa da escrita é solidária e de indissociável ligação com o corpo.

Foucault ostenta em sua escrita a inexorável imbricação sujeito/corpo e do aqui e do acolá. Teatraliza, vocalmente, a coexistência entre o eu e o corpo. Performatiza a luta entre falar no corpo e fora dele. Segundo Souza: “não é apenas o dito fazendo-se escutar, mas o dizer mostrando-se corpo sob a força de um ato enunciativo”. Assim é que a voz postula-se como lugar de acomodação pulsional que é impossível se desvincular, como também é impossível falar fora dele. Foucault confirma que é no corpo mesmo, tocando aí as cordas vocais que o sujeito faz um com o corpo e com o corpo a linguagem. Trata-se de uma leitura singular que nos absorve em meio a sonoridades marcadas discursivamente. Lança-se a diversidade de materialidades significantes, as quais, um analista de discurso deve estar atento. O trabalho da interpretação não se limita a esta ou aquela materialidade, o trabalho de interpretação nunca cessa.

REFERÊNCIA

SOUZA, Pedro. Michel Foucault: o trajeto da voz na ordem do discurso. Campinas, Editora RG, 2009.